



UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL

CAMPUS CHAPECÓ

CURSO DE GEOGRAFIA – LICENCIATURA

BRUNA NATALI DE CASTRO KESCHNER

ESPAÇOS (SEMI)PÚBLICOS DE SOCIABILIDADE JUVENIL EM CHAPECÓ

CHAPECÓ

2017

BRUNA NATALI DE CASTRO KESCHNER

ESPAÇOS (SEMI)PÚBLICOS DE SOCIABILIDADE JUVENIL EM CHAPECÓ

Trabalho de conclusão de curso de graduação
apresentado como requisito para obtenção do
grau de Licenciada em Geografia da
Universidade Federal da Fronteira Sul

Orientador: Prof. Dr. Igor Catalão

CHAPECÓ

2017

PROGRAD/DBIB - Divisão de Bibliotecas

Kascher, Bruna Natali de Castro
ESPAÇOS (SEMI)PÚBLICOS DE SOCIABILIDADE JUVENIL EM
CHAPECÓ/ Bruna Natali de Castro Kascher. -- 2017.
49 f. : il.

Orientador: Igor Catalão.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) -
Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de
Geografia - Licenciatura , Chapecó, SC, 2017.

1. Espaço público. 2. sociabilidade. 3. Juventude. 4.
Cidades Médias. I. Catalão, Igor, orient. II.
Universidade Federal da Fronteira Sul. III. Título.



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL – CAMPUS CHAPECÓ
CURSO DE GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA - LICENCIATURA

ATA DE AVALIAÇÃO DA DEFESA DO

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Aos vinte e quatro dias do mês de fevereiro de dois mil e dezessete, às quatorze horas no laboratório de cartografia, sala 109, bloco 04, do *Campus* Chapecó, da Universidade Federal da Fronteira Sul, reuniu-se a banca avaliadora do trabalho de conclusão de curso, constituída pelos professores: Prof. Dr. Igor Catalão (UFFS/Chapecó), Presidente e orientador, Prof^a. Dr^a. Paula Vanessa de Faria Lindo (UFFS/Erechim), Prof. Dr. Ivan Paolo de Paris Fontanari (UFFS/Chapecó), como membros da banca avaliadora e Prof. Dr. Willian Simões (UFFS/Chapecó) como suplente da banca avaliadora. O Trabalho de Conclusão do Curso de Licenciatura em Geografia, da estudante **BRUNA NATALI DE CASTRO KESCHNER**, intitulado: “**ESPAÇOS (SEMI) PÚBLICOS DE SOCIABILIDADE JUVENIL EM CHAPECÓ**”, obteve a nota final 8,0.

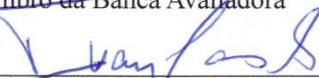
A estudante deverá efetuar as correções solicitadas pela banca e entregar a versão final em uma via digital em CD, e termo de cessão de direitos autorais, assinado, até o dia 03 de março de dois mil e dezessete, para a secretária do curso de Geografia, na sala 201, bloco dos professores, do *Campus* Chapecó, das 13h às 16h40.



Prof. Dr. Igor Catalão
Presidente e Orientador



Prof^a. Dr^a Paula Vanessa de Faria Lindo
Membro da Banca Avaliadora



Prof. Dr. Ivan Paolo de Paris Fontanari
Membro da Banca Avaliadora

Prof. Dr. Willian Simões
Suplente da Banca Avaliadora



Bruna Natáli de Castro Keschner
Estudante

AGRADECIMENTOS

Cursar uma graduação é um trabalho desgastante, no qual durante os quatro anos que demoramos para terminar esse primeiro passo contamos com a ajuda de muitas pessoas de diversas maneiras, e agora eu gostaria de agradecer algumas delas.

Primeiramente, à minha família: Mãe, por sempre me ensinar o quão valoroso é o conhecimento e nunca permitir que eu desistisse, sempre com uma palavra de ensinamento, desses que a gente não encontra nos livros. Thais, minha irmã, por entender meu desespero em muitos momentos e relevar alguns ataques de histeria, além de revisar meus textos sempre. Ao meu padrasto Wilson, por fazer, muitas vezes, o papel de pai ao me apoiar e ajudar. Tios e tias que sempre acreditaram no meu potencial e sempre me ajudaram desde a realização do ENEM (tio Osmar) e durante todo o período da graduação (tio Osvaldo, tio Oscar, tia Oneide, tio Vande, Rodrigo) e todos os demais.

Aos meus colegas de curso que estiveram comigo durante a caminhada da Graduação, em especial Anelise Senhorate e Josiéli Hippler, por passarem comigo por essa turbulência que é o TCC e sempre serem apoios. Andressa Bauermann, Daniela Wagner e Eduardo von Dentz, que me foram grandes companhias nas longas e quentes tardes de estudos na UFFS, compartilhando seus conhecimentos e acreditando em mim, mais do que eu mesma, muitas vezes.

Aos meus amigos em geral, que não me deixaram enlouquecer durante o período da graduação, ajudando-me a manter uma vida social aceitável. WP, obrigada.

A todos os professores da UFFS, que foram fundamentais na minha formação. Mas alguns em especial que quero levar para a vida como amigos: professora Adriana Andreis, pelas grandes orientações durante minha formação como professora e pelas conversas tomando aquele teu chimarrão, que é bom demais. Professora Gisele Leite de Lima, por ter me cativado desde a primeira fase e me inspirado a ser uma professora como você. Professor William Zanete Bertolini, obrigada por ser o professor mais divertido dessa universidade e por

deixar claro que os títulos que conquistamos não podem de nenhuma forma nos tornar esnobes.

Por último, dedico um agradecimento especial ao professor Igor Catalão, que foi o melhor orientador que eu poderia ter e por se tornar um grande amigo para mim. Obrigada pelos conselhos, pelos conhecimentos compartilhados, pela confiança que sempre depositou em minha capacidade, pela paciência, pelos puxões de orelhas tão sutis que me deu, e por nunca ter deixado que eu desacreditasse no meu potencial.

RESUMO

O uso do espaço geográfico é ponto central de observação das atividades cotidianas das sociedades humanas. Uma dessas atividades que têm papel fundamental na vivência em grupo é a sociabilidade, que exige um espaço adequado para sua realização. Na sociedade capitalista, onde a propriedade privada é um direito garantido, os espaços públicos se tornam cada vez menos importantes diante dos privados. Estes, além do espaço em si, disponibilizam outros atrativos geralmente ligados ao consumo. Um exemplo claro e recorrente de espaço privado que é utilizado como se fosse público pela sociedade são os shopping centers. Esses empreendimentos que aliam o consumo, o lazer e a sociabilidade estão muito presentes em metrópoles e cidades médias, como é o caso de Chapecó, cidade média localizada na região oeste do estado de Santa Catarina. Em Chapecó, alguns tipos de jovens encontram dificuldades para encontrar espaços públicos para a prática da sociabilidade, o que faz com que muitas vezes utilizem espaços privados para isso. Esse espaço privado é um dos objetos de estudo dessa pesquisa, o estacionamento da Havan, que durante o período noturno serve como espaço semipúblico para a juventude. O objetivo dessa pesquisa foi analisar os espaços ocupados pelos jovens e, através de pesquisa empírica, observar porque esse espaço privado tem sido escolhido para a prática da sociabilidade e quais as dificuldades que eles encontram ao ocupar esses espaços semipúblicos. Os espaços precisam atender as necessidades de sociabilidade juvenil, se isso não acontecer espaços privados serão ocupados, mesmo que o poder público use estratégias que dificultem esses movimentos de sociabilidade.

Palavras-chave: Espaço geográfico. Espaço semipúblico. Sociabilidade. Juventude.

ABSTRACT

The use of geographic space is the central point of observation of the daily activities of human societies. One of these activities that play a fundamental role in group living is sociability, which requires adequate space for its accomplishment. In capitalist society, where private property is a guaranteed right, public spaces become less and less important in relation to the private ones. These, besides the space itself, offer other attractions usually linked to consumption. A clear and recurrent example of private space that is used as if it were public by society are the shopping malls. These are enterprises that combine consumption, leisure and sociability, and they are very present in metropolises and intermediate cities, as it is the case of Chapecó, a city located in the western region of the state of Santa Catarina. In Chapecó, some kinds of youth have difficulties in finding public spaces for practicing sociability, which means that they often use private spaces for this purpose. This private space is one of the objects of study of this research, the Havan's parking, which during the night time serves as a semi-public space for youth. The objective of this research was to analyze the spaces occupied by young people and, through empirical research, to observe why this private space has been chosen for the practice of sociability, and which are the difficulties they face in occupying these semi-public spaces. The spaces need to meet the needs of youthful sociability, otherwise private spaces will be occupied, even if the public power uses strategies that hinder these movements of sociability.

Key-Words: Geographic space. Semi-public space. Sociability. Youth.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1. Mapa REGIC 2008. Rede urbana de Santa Catarina.....	23
Figura 2. Localização da cidade de Chapecó no estado de Santa Catarina. Fonte: Espaços e relações de poder em Chapecó/SC na década de 1950, Cristina de Moraes.	24
Figura 3. Localização dos principais parques de Chapecó	27
Figura 4. Vista da entrada principal do Shopping Pátio Chapecó. Fotografia da autora.	28
Figura 5. Vista do estacionamento durante o dia. Fonte: Acervo da autora.	31
Figura 6. Jovens ocupando o estacionamento da Havan em um final de semana (sábado) durante a noite.	32
Figura 7. Localização dos pontos de "rolês" em Chapecó no ano de 2016. Fonte: Entrevistas. Elaboração da autora.	33
Figura 8. Ação da PM no prolongamento da Avenida Getúlio Vargas em Chapecó. Fonte: Blog Diário Chapecó.	35
Figura 9. Vista da parte interna do Shopping Pátio Chapecó. Fonte: Acervo da autora.	37
Figura 10. Jovens andando de Patins na Havan. Fonte: Leocélis, facebook. ...	38
Figura 11. Jovens tocando violão no estacionamento da Havan. Fonte: Acervo da autora.	39
Figura 12. Jovem ensinando a andar de skate Fonte: acervo da autora.	41
Figura 13. Jovens utilizando o espaço da Havan para sociabilidade	Erro!
Indicador não definido.	
Figura 14. Pai sentado, enquanto o filho anda de bicicleta no estacionamento da Havan.	42
Tabela 1. População chapecoense segundo situação de domicílio 1980-2016	25
Gráfico 1. População urbana e rural de Chapecó em 2007. Fonte: SEBRAE, Organização da autora.	25
Gráfico 2. População rural e urbana de Chapecó em 2010. Fonte: IBGE, censo 2010, Organização da autora.	26

Gráfico 3. Frequência de ida ao shopping do público entrevistado no centro da cidade. Fonte: Trabalho de campo de geografia urbana realizado em 2015. Organização da autora. 29

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO 1 - ESPAÇO, SOCIABILIDADE E DIREITO À CIDADE	15
ESPAÇO PÚBLICO E ESPAÇO PRIVADO	15
SOCIABILIDADE NAS SOCIEDADES URBANAS.....	20
CAPÍTULO 2 - ESPAÇO E CIDADES MÉDIAS: CHAPECÓ E OS ESPAÇOS PARA AS PESSOAS	22
SHOPPING PÁTIO CHAPECÓ	27
ESTACIONAMENTO DA HAVAN	30
OUTROS ESPAÇOS QUE SURGIRAM	32
CAPÍTULO 3 - O ESTACIONAMENTO DA HAVAN: UM ESPAÇO SEMIPÚBLICO	36
CONSIDERAÇÕES FINAIS	47
REFERÊNCIAS	49
APÊNDICE	51
ANEXOS.....	52

INTRODUÇÃO

Sabendo-se da importância da sociabilidade para o desenvolvimento das sociedades, e da necessidade de espaços que possibilitem que ela aconteça, a humanidade foi, ao longo dos anos, criando ou transformando espaços direcionados a essa prática. Esses espaços na atualidade são diferenciados segundo sua natureza, que pode ser pública ou privada, entretanto seu uso nem sempre respeita essa divisão.

Considerando isso e a dinâmica de consumo e de sociabilidade em cidades médias, este trabalho sintetiza os resultados de uma pesquisa que procurou analisar o uso dos espaços de sociabilidade urbanos por alguns grupos de jovens de Chapecó, SC.

Identificando os principais pontos de sociabilidade juvenil em espaços públicos, ou em espaços privados que são utilizados como se fossem públicos, chamados neste trabalho de espaços semipúblicos, analisamos a importância da sociabilidade para a vida dos jovens e de espaços que atendam às necessidades desse público, a maneira que eles encontram para viver essa sociabilidade na cidade e o papel do poder público na manutenção da qualidade dos espaços de sociabilidade e lazer juvenil.

Este trabalho está dividido em três capítulos, além desta introdução, na qual se apresentam também, mais ao final, as notas metodológicas da pesquisa. O primeiro capítulo, que apresenta uma abordagem teórica sobre questões fundamentais para o entendimento da pesquisa, é intitulado “Espaço, sociabilidade e direito à cidade” e divide-se em duas seções, uma tratando da diferença entre espaço público e espaço privado e a outra, da sociabilidade nas sociedades urbanas.

O segundo capítulo caracteriza Chapecó inserida na rede urbana estadual e nacional, mas sem deixar de olhar para os espaços que oferece para sua população. Divide-se em três seções: a primeira, que apresenta o Shopping Pátio Chapecó; a segunda, que trata do estacionamento da loja Havan; e a terceira, que discorre um pouco sobre outros espaços de sociabilidade juvenil na cidade de Chapecó.

O terceiro capítulo, intitulado “O estacionamento da Havan e o uso dos espaços públicos em Chapecó”, trata mais dos conhecimentos empíricos adquiridos nos trabalhos de campo e entrevistas e analisa a maneira que as pessoas utilizam esses espaços de sociabilidade.

O trabalho termina com algumas considerações finais em que se discute um pouco das ideias trabalhadas nos capítulos do desenvolvimento, justifica algumas limitações encontradas no desenvolvimento da pesquisa e propõe novas discussões acerca do tema do trabalho.

Notas metodológicas

No ano de 2015, iniciamos um projeto de iniciação científica (IC) que abordava o uso do espaço do shopping center em Chapecó, SC, e, no decorrer dos trabalhos de campo e análises feitas naquele espaço em conjunto com as análises feitas em um trabalho de campo realizado no Centro da cidade de Chapecó e as experiências por mim vividas como cidadã chapecoense, foi possível identificar que os sujeitos que frequentavam o espaço do Shopping para lazer e sociabilidade não correspondiam ao mesmo público que frequentava o centro principal assim como os espaços públicos da cidade.

Partindo dessa ideia, a pergunta feita consistia em saber onde, então, as pessoas que não frequentavam o shopping costumavam ir para praticar a sociabilidade, com foco principal no público juvenil-adolescente¹ que demonstrou ser o menos frequente no Shopping Pátio Chapecó.

Foi realizada uma série de trabalhos de campo no Shopping Pátio Chapecó. Esses trabalhos de campo aconteceram de maneira informal, visto que a administração do empreendimento não autorizou que fossem realizadas quaisquer atividades de pesquisa no âmbito do shopping.

Esses trabalhos foram desenvolvidos para atender aos objetivos de pesquisa do projeto de iniciação científica que versava sobre as diferenciações socioespaciais e os espaços de consumo em Chapecó. As visitas foram desenvolvidas em parceria com outra acadêmica do curso de Geografia que também era pesquisadora do projeto. Foi feito um total de 12 visitas de

¹ Segundo a ONU, jovens podem ser enquadrados em uma faixa etária de 15 a 24 anos.

observação em horários e dias da semana alternados. Essas visitas duravam cerca de duas horas e, além das observações, fizemos também algumas intervenções discretas através de conversas com trabalhadores do espaço e também com alguns frequentadores.

Para fazer o contraponto, foi necessário escolher um espaço de frequência do público juvenil. Para isso, utilizei-me das experiências vividas na cidade de Chapecó como jovem, dessa forma optando por estudar o espaço da Havan. Frequentava esse espaço com meus amigos já havia um tempo, mas sem nunca pensar naquela situação como temática de pesquisa durante a iniciação científica, o que mudou com a construção do projeto de TCC.

Devo explicitar aqui as dificuldades encontradas na pesquisa por eu ser, ao mesmo tempo, pesquisadora e sujeito de pesquisa, já que minha relação com o objeto de pesquisa era muito estreita. Decidimos optar, portanto, por priorizar a opinião de outras pessoas entrevistadas em detrimento da minha própria, ainda que reconheçamos a impossibilidade, nesse caso como nos casos da maioria das pesquisas em Geografia Humana, da separação entre sujeito e objeto.

A partir daí, seguiram-se diversas etapas, dentre elas, o levantamento de bibliografias referentes à sociabilidade juvenil, focando em cidades médias, apropriações de espaços públicos e privados e principalmente sobre a apropriação de espaços privados para uso público, aspecto central deste trabalho.

O primeiro passo foi o levantamento bibliográfico que complementaria o conhecimento do tema já agregado através de leituras durante a iniciação científica e durante a elaboração do projeto do TCC. Esses textos, livros, ensaios, artigos, etc. foram escolhidos a partir do estudo de temáticas que contribuíssem com a discussão de cidades médias, direito à cidade, sociabilidade e consumo. Esses textos foram selecionados em parceria com o meu orientador e, a partir da leitura e fichamento deles, foi construído o referencial teórico do meu trabalho.

Juntamente com as leituras, para atender aos objetivos propostos de analisar o uso dos espaços da cidade pelo público jovem, foram desenvolvidos

trabalhos de campo e entrevistas, que trouxe para o desenvolvimento do trabalho informações qualitativas de fundamental relevância.

Segundo Flick (2009), não há ainda uma definição para a pesquisa qualitativa, mas o mais importante é saber que ela busca abordar e entender “o mundo lá fora”. Para que possamos entender esse mundo fora da teoria e do laboratório, pensamos em alguns métodos de pesquisa, dentre os quais se encontram aplicações de questionários e realização de entrevistas, para captação de informações e dados primários.

Antes de iniciarmos as conversas com o público alvo da pesquisa, desenvolvemos um roteiro de entrevista que buscava entender, de modo central, quem eram aquelas pessoas que ocupavam aqueles espaços e por que estavam ali. Esse roteiro segue em anexo. Os trabalhos de campo bem como as entrevistas constituíram a parte mais importante do desenvolvimento da pesquisa por vários motivos. Primeiro porque eu passei a ver aquele espaço com outros olhos, como pesquisadora, coisa que eu nunca tinha feito enquanto frequentadora do espaço. Além disso, pareceu importante fazer com que as pessoas passassem a olhar aquele espaço de maneira diferente, como se pela primeira vez estivessem percebendo o lugar que estavam ocupando. Foram realizadas diversas visitas ao local antes de iniciar as entrevistas propriamente ditas, e nessas ocasiões eu já conversava com as pessoas que estavam por lá sobre o meu trabalho que seria desenvolvido a partir do estudo daquele espaço, e a aceitação das pessoas foi muito animadora, possibilitando que eu já tivesse uma grande quantidade de material de pesquisa.

Foram feitas dezenas de visitas ao local, mas é importante ressaltar que, mesmo em momentos em que eu não estava ali com o objetivo de realizar trabalhos de campo para a pesquisa, a situação desenrolava de maneira que eu passava a olhar para aquele espaço como objeto de pesquisa novamente, inclusive porque, nos meus momentos de lazer, pessoas me procuravam para conversar sobre a pesquisa e oferecer-se como entrevistadas.

Foram programadas 30 visitas em dias alternados da semana e geralmente no mesmo horário, a partir das 22:30. Apesar de a amostra inicial ter sido estipulada em 10 entrevistas, foram realizadas 13 e os entrevistados foram

escolhidos de acordo com a receptividade e indicação de outras pessoas que estavam no espaço. As escolhas dos entrevistados foram feitas baseadas na presença deles em grupos diferentes.

O roteiro de entrevistas foi desenvolvido depois de muitas visitas ao estacionamento da Havan, portanto já foi direcionado a perguntar coisas que permitissem entender as pessoas já previamente encontradas ali. Ao retornar ao campo com o roteiro em mãos, passei a chamar as entrevistas de conversas, visto que, além de a formalidade de uma entrevista deixar o diálogo pouco desenvolvido, a conversa sempre passava a fluir de maneira a encontrar outros assuntos, além de que diversas vezes a pessoa entrevistada teve suas respostas complementadas por outras pessoas que estavam ali, que enriqueciam ainda mais a conversa e muitas vezes promoviam um debate. Essas conversas foram todas gravadas com o consentimento dos entrevistados, servindo como base empírica para as análises feitas.

Finalizei fazendo a transcrição das entrevistas e sistematização das informações obtidas para que, juntamente com as ideias encontradas durante as leituras, fosse possível produzir uma síntese da pesquisa no formato de texto que os leitores encontrarão a seguir.

CAPÍTULO 1 - ESPAÇO, SOCIABILIDADE E DIREITO À CIDADE

Viver na cidade é algo cada vez mais solitário. Mesmo que a população urbana venha crescendo e a tendência seja aumentar ainda mais (CATALÃO, 2013), as pessoas não convivem ou socializam com quem está ao seu redor (KUSTER; PECHMAN, 2014), na maioria das vezes porque a correria da vida urbana não permite. Mas, muitas vezes, é porque a cidade não é construída de forma que convide as pessoas a relaxarem e olharem para o ambiente e as pessoas ao seu redor.

Vivemos em uma cidade que não é feita para nos servir, nem atender nossas necessidades; vivemos para atender as necessidades do mercado que direciona o crescimento das cidades (SANTOS, 2001). Os espaços são cada vez mais funcionais e as pessoas acreditam cada vez mais que viver na cidade significa apenas trabalhar e consumir (BAUDRILLARD, 2009).

Espaço público e espaço privado

A gênese da divisão entre espaço público e privado é estabelecida pelos parâmetros da família. Antes do século XIX, o espaço privado era determinado pelo espaço familiar. Dentro do ambiente familiar, as pessoas estavam libertas da necessidade de discursos ou de vestimentas 'apropriadas', a expressão da individualidade e das particularidades era a maneira mais razoável vista para o convívio dentro do ambiente da família e dos amigos. Obviamente, colocado dessa maneira, fica clara a visão moderna do passado, que não via as coisas assim, mas simplesmente agia-se da forma como aprendiam (SENNET, 1999). Ou seja, na família (âmbito privado) era onde os seres humanos agiam naturalmente, de maneira 'animalesca'.

O contrário acontecia no espaço público, que pedia roupas montadas que ignoravam o conforto ou necessidades, os discursos precisavam ser munidos de referências para que o cidadão fosse respeitado (SENNET, 1999).

[...] o homem natural era um animal; o público, portanto, corrigia uma deficiência da natureza, que somente uma vida conduzida segundo os códigos do amor familiar poderia produzir; essa deficiência era a incivilidade. Se o vício da cultura era a injustiça, o vício da natureza era a rudeza (SENNET, 1999, p. 120).

Sennet (1999) ressalta em seu texto que tanto o espaço público como o privado são espaços em constante evolução. E isso pode ser observado pela

forma como as mudanças dos espaços públicos e privados têm acontecido, especialmente de modo mais rápido nas últimas décadas, principalmente em cidades metropolitanas, mas também em cidades médias.

O espaço público pode ser definido como todo e qualquer espaço que tenha relação direta com a vida pública. Nesse sentido, todos os ambientes que prestam serviços aos cidadãos de determinado lugar são espaços públicos. Entretanto, nem todos esses espaços são de uso comum; em alguns deles, como escolas, fóruns, delegacias, etc. o uso é restrito para determinadas atividades – são os chamados espaços públicos institucionais – e é por isso que existem os espaços públicos comuns, que são as ruas, os parques e praças. Nesses espaços públicos comuns, o uso é livre por definição (GOMES, 2002; CORDEIRO, 2008).

Indovina (2002) traz em um de seus textos uma gradação de espaços públicos, ampliando essa divisão em duas tipologias propostas por Cordeiro. Segundo Indovina:

Tendo em conta que se faz referência ao espaço de uso público, podem-se considerar, pelo menos, os seguintes parâmetros: a propriedade (pública e privada); os limites de uso (ilimitado; limitado: no tempo; a determinadas categorias de cidadãos; à duração; etc.); o custo de acesso (gratuito; a pagamento); os condicionamentos ao seu uso (falar, não falar; fotografar, não fotografar; com animais, sem animais, etc.). Cruzando estes parâmetros, podemos obter uma gradação dos espaços em razão da sua “publicidade”. Assim, se associarmos à característica público a universalidade do uso, os espaços de propriedade pública, de acesso ilimitado, gratuitos, sem condicionamentos serão os espaços que melhor interpretam o conceito de espaço público (INDOVINA, 2002, p. 120).

Os espaços públicos² surgiram em paralelo às cidades (CARLOS, 2008) e desde então são fundamentais no desenrolar de diversas atividades urbanas. No livro *O declínio do homem público*, Richard Sennet inicia seu debate relatando a importância do espaço público para os cidadãos ao longo da história, e nessa abordagem podemos observar que os espaços públicos, ainda hoje, são fundamentais para o funcionamento das cidades, além de contribuir como elemento identitário destas (INDOVINA, 2002), principalmente das menores, mas também de muitas cidades médias, como é o caso de Chapecó.

² Para nomenclatura no âmbito dessa pesquisa trataremos como espaços públicos aqueles propostos por Cordeiro (2008) como espaços públicos comuns.

Mesmo que o espaço público seja fundamental para o desenvolvimento das atividades nas cidades desde seu surgimento, muitos trabalhos vêm discutindo a diminuição da importância do espaço público diante do ganho de importância que vem sendo conquistada pelos espaços privados na sociedade atual, em todos os segmentos, até mesmo quando se trata de sociabilidade. Voyce (2006) relata, em seu artigo *Shopping malls in Australia: The end of public space and the rise of 'consumerist citizenship'?*, que onde uma vez havia vastos terrenos destinados ao uso público, como parques, por exemplo, hoje estão sendo incorporados ao capital privado e nessas áreas onde havia parques ou praças podem ser vistos enormes centros de comércio, principalmente shopping centers.

Além disso, a apropriação de espaços públicos caiu de moda. Segundo Sennet (1999), depois da queda do antigo regime (*Ancien Régime*), as condições materiais e ideológicas da vida pública ficaram confusas e fragmentadas, até o momento em que se desfizeram. Em paralelo, a moda na atual sociedade de consumo passou a condicionar o modo de vida das pessoas e até mesmo de apropriação dos lugares (BAUDRILLARD, 2009). O consumo passou a ser elemento fundamental na escolha dos espaços adequados à sociabilidade, é por esta razão que o espaço público se coloca com tamanha importância na vida dos jovens, pois em geral é um grupo que ainda não se estabeleceu economicamente e não dispõe de condições financeiras para ocupar um espaço de sociabilidade pago, ou espaço de consumo. Nesse sentido, uma vez que a utilização dos espaços públicos não faz parte do padrão social estabelecido, eles foram abandonados em sua essência.

Para Santos (2001), a utilização dos espaços públicos é condição fundamental para o exercício da cidadania. Entretanto, o autor afirma que o cidadão não se restringe ao consumidor. Partindo do pressuposto de que a sociedade atual pode ser considerada, a partir de diversos pontos de vista, uma sociedade de consumo, na qual a vida das pessoas é direcionada e baseada em consumir (BAUDRILLARD, 2009), pode-se questionar a existência de cidadãos na sociedade capitalista nos termos propostos por Santos.

A sociedade de consumo se adaptou muito bem a essa nova dinâmica espacial de sociabilidade das cidades, e por esta razão alienou-se do direito à

cidade (LEFEBVRE, 2001). O debate sobre direito a cidade não foi abandonado dentro da vida urbana, o que aconteceu foi uma simplificação ou uma maquiagem do termo, que foi colocado de forma com que a sociedade massificada entendesse o direito à cidade como direito individual à cidade (CATALÃO; MAGRINI, 2016), ou seja, 'eu' tenho direito de me locomover com segurança, portanto 'ele' não pode andar nos mesmo espaços que eu porque é 'suspeito'.

O direito à cidade vai muito além dos direitos básicos individuais, é um direito coletivo, um direito que nunca deveria precisar ser discutido, já que é natural. É natural que um espaço que originalmente não tem donos – na sua gênese – permita com que a pessoa ande livremente. Lefebvre (2001), em linhas gerais, define que o direito à cidade chega a se confundir com o direito à vida. Independente de uma reconhecimento como elemento natural ou não do espaço público, o direito à cidade reivindica a cidadania para os cidadãos.

Se tentarmos adequar a vida social estabelecida pelo capitalismo, quando pensamos no cenário da cidade em que a maior parte dos espaços é pública, algumas pessoas não podem desfrutar das ruas, porque isso incomoda alguém que, por alguma razão, tem 'mais direito' à cidade do que outras.

Partindo desse pressuposto, é possível imaginar que os espaços públicos vão se extinguir com o passar do tempo, graças ao paulatino abandono deles verificado nas últimas décadas, mas aceitar isso seria um fatalismo não dialético, pois também é possível supor que as pessoas não vão deixar que isso aconteça, reivindicando do poder público, através de ações e ocupações, os espaços que lhes são de direito, mesmo que, para isso, espaços privados – que apresentam mais condições de uso social – sejam ocupados.

Os espaços privados podem ser entendidos como espaços que privam seu uso de algumas pessoas. Um direito fundamental na sociedade capitalista é a propriedade privada, esse direito é tão prezado pelas pessoas que para os cidadãos é fundamental ter a posse de seus próprios espaços e esses espaços vão além das casas e ambientes para residência, e extrapolam para os espaços de lazer e sociabilidade.

É muito comum na atualidade a prática do lazer em diversos tipos de clubes, isso proporciona, além do *status*, a ideia de segurança para as pessoas (KUSTER; PECHMAN, 2014), e isso faz com que a prática da sociabilidade em locais privados venha se tornando o padrão social, transformando as pessoas que prezam pela ocupação de espaços públicos, vândalos e baderneiros “[...] são claras as manifestações de como a sociedade vai experimentando a intolerância na cidade a partir do medo urbano do outro” (KUSTER; PECHMAN, p. 13, 2014).

Criou-se ainda espaços privados que simulam os espaços públicos, como por exemplo os shoppings centers. Nesses espaços, as pessoas circulam de maneira que se sintam livres – como em um espaço público – e sem obrigação de consumir, mas em todas as direções nesses espaços existe um direcionamento direto para o consumo. Mais do que isso, em nome da segurança, espaços que são públicos passaram a ser regidos por um grande número de regras que acabaram transformando-os em espaços semipúblicos, que são aqueles que não tem caráter público, mas são utilizados como se fossem, como é o caso de muitos shoppings centers (VOYCE, 2008; ANDRADE; JAYME; ALMEIDA, 2009).

Os espaços semipúblicos são cada vez mais comuns na sociedade, isso pode ser comprovado, por exemplo, pelo avanço de implantação de shopping centers em cidades cada vez mais diversas, especialmente em espaços metropolitanos³. Os shopping centers, além de serem o palco da realização da sociedade de consumo (BAUDRILLARD, 2009), são espaços privados que se utilizam de elementos públicos e da natureza para simular espaços públicos. Isso acontece, por exemplo, com a implantação de jardins de inverno dentro desses estabelecimentos, ou com arborizações nos corredores (figura 9), ou então denominando o ambiente voltado à alimentação de ‘praça’.

Voyce (2008) ainda coloca a situação contrária, a ‘privatização’ de espaços públicos, através de cercas, muros, horários específicos de funcionamento de parques e praças, vigilância, etc. além da imposição de inúmeras regras de uso desses espaços impossibilita que os categorizemos

³ Fonte: FUNDAÇÃO IBGE. Projeções da População com base no Censo Demográfico de 1991. ABRASCE. Relação de Shopping Centers Filiados à ABRASCE por Grupamento Geográfico.

como aquilo que Indovina (2002) chama de espaços públicos ideais, fazendo com que estes sejam quase inexistentes no espaço urbano.

Sociabilidade nas sociedades urbanas

A sociabilidade é uma das principais atividades humanas necessárias à vida em sociedade, pois ela medeia as relações das pessoas que acabam formando grupos que têm gostos e atividades em comum. Esses grupos são desdobramentos de outros grupos mais amplos que estão isentos da necessidade de conteúdo para que se reúnam (SIMMEL, 1983).

Isso não quer dizer que as sociações⁴ de que a sociabilidade emerge são isentas de conteúdo, mas liberta a convivência de uma obrigatoriedade de forma, isso quer dizer, não obriga aos indivíduos de basear o ato da sociabilidade em um determinado assunto, nem quer dizer que a interdependência que acontece entre eles seja direcionada por um conteúdo predefinido. Em suma, a sociabilidade é a forma em que as pessoas encontram real liberdade de expressão e de convivência dentro das 'instituições' sociais. A sociabilidade é um ato puro, que expressa a vitalidade das pessoas (MAIA, 2001). Esses grupos que se reúnem para socializar, em geral, são formados por pessoas que podem não ter vidas cotidianas em comum, mas que são compatíveis sobre generalidades. Ou seja, a sociabilidade é uma forma espontânea de interação ou todos os movimentos de influência mútua vividos dentro de um espaço social (CORDEIRO, 2008).

Para os jovens, a sociabilidade é uma forma de estar junto, ou seja, em uma época da vida em que o conflito de gerações parece dizer o tempo todo que tudo que os jovens fazem é errado ou não é sério, os jovens encontram no ato da sociabilidade pessoas nas quais se escoram para que o lazer possa ser realizado da maneira que os jovens 'curtem'. Essa forma de interação desfaz a necessidade de uma hierarquia (TURRA NETO, 2008) e é uma das coisas que agrada o público jovem.

A sociabilidade pode acontecer em quaisquer espaços, mas é preciso que as cidades tenham à disposição dos cidadãos espaços que tenham como

⁴ Concebendo a sociedade como produto das interações individuais, Simmel (1983) formula o conceito de "sociação" para designar mais apropriadamente as formas ou modos pelos quais os atores sociais se relacionam.

principal função promover a sociabilidade e que atendam as demandas dos seus habitantes, para que ela aconteça sem exclusões e da maneira mais facilitada possível.

Na sociedade de consumo em que vivemos (BAUDRILLARD, 2009), as cidades deixaram de cumprir seu papel de promover espaços destinados à apropriação, em sentido amplo, dos cidadãos e passaram a promover espaços para o consumo (SANTOS, 2001). Isso se reflete no papel fundamental que o consumo tem nas práticas de sociabilidade atualmente, já que é mais 'seguro' e fácil reunir-se com as pessoas em ambientes comerciais fechados do que em espaços públicos abertos (KUSTER; PECHMAN, 2014; SPOSITO; GÓES, 2014).

Essa ideia, de certa forma, limita as possibilidades de sociabilidade do público jovem, visto que são pessoas, muitas vezes não ativas economicamente e quando são, ainda não têm uma vida financeira estável, por isso, precisam de espaços libertos da necessidade de consumo – mesmo que não livres dele – em suma, espaços públicos.

CAPÍTULO 2 - ESPAÇO E CIDADES MÉDIAS: CHAPECÓ E OS ESPAÇOS PARA AS PESSOAS

As cidades médias são caracterizadas por boa parte dos autores segundo os dados populacionais, ou seja, uma cidade média pode ser assim definida contendo, segundo Serra e Andrade (2001), entre 100 e 500 mil habitantes. Deve-se, entretanto, avaliar com cautela o uso de quadros estatísticos para definir as cidades nas redes urbanas, pois a análise temporal se faz fundamental na hora de pensar sobre uma cidade (SANTOS, 1993). Nesse sentido, Sposito (2001, apud CATELAN, 2012), difere o termo cidade média do termo cidade de porte médio, sendo o último caracterizados pelos dados populacionais e a primeira pela complexidade e o lugar em que se insere na rede urbana.

A urbanização brasileira deu-se de maneira desigual, herança do período colonial, quando Portugal via o Brasil apenas como colônia de exploração e não teve cuidado de planejar o crescimento urbano que se daria na colônia, como aconteceu com as colônias espanholas na América do Sul (FREITAS; SANTOS, 1993). Nesse cenário, as cidades médias brasileiras vieram a ter um papel importante tão tardiamente quanto o processo de urbanização no interior do território, começando a se destacar só a partir da década de 1970.

Na década de 1970, as cidades médias brasileiras tornaram-se estratégias de desenvolvimento regional e políticas urbanas (AMORIM FILHO; SERRA, 2001).

A procura de maior equilíbrio interurbano e urbano-regional, a necessidade de se interromper o fluxo migratório na direção das grandes cidades e metrópoles, a busca de maior eficiência para alguns ramos produtivos e a necessidade de multiplicação de postos avançados de expansão do sistema socioeconômico nacional são, a nosso ver, os principais objetivos explicitados ou não das políticas urbanas que centralizavam esforços no apoio ao desenvolvimento das cidades médias brasileiras (AMORIM FILHO; SERRA, 2001, p. 9).

Em Santa Catarina, o papel das cidades médias é, de certa forma, central, visto que as cidades de maior importância na rede urbana são cidades de porte médio que desempenham papéis de intermediação, sem constituir propriamente uma rede urbana. Para o IBGE, no estudo Regiões de Influência das Cidades (REGIC), a rede urbana catarinense é parte constituinte das redes urbanas formadas pelas metrópoles de Porto Alegre e Curitiba (IBGE, 2008). Além disso,

outro aspecto da rede urbana catarinense diferente da rede urbana dos demais estados diz respeito à distribuição das funções urbanas entre as cidades: enquanto na maioria dos estados a maior cidade em termos populacionais é também a com maior PIB e, não raro, a capital política, em Santa Catarina, esses aspectos são atribuídos a diferentes cidades.

Dentro da rede urbana catarinense, Chapecó aparece como polo da região Oeste do estado, estando entre as quatro cidades mais importantes, como pode ser observado na figura 1, extraída do REGIC, abaixo:

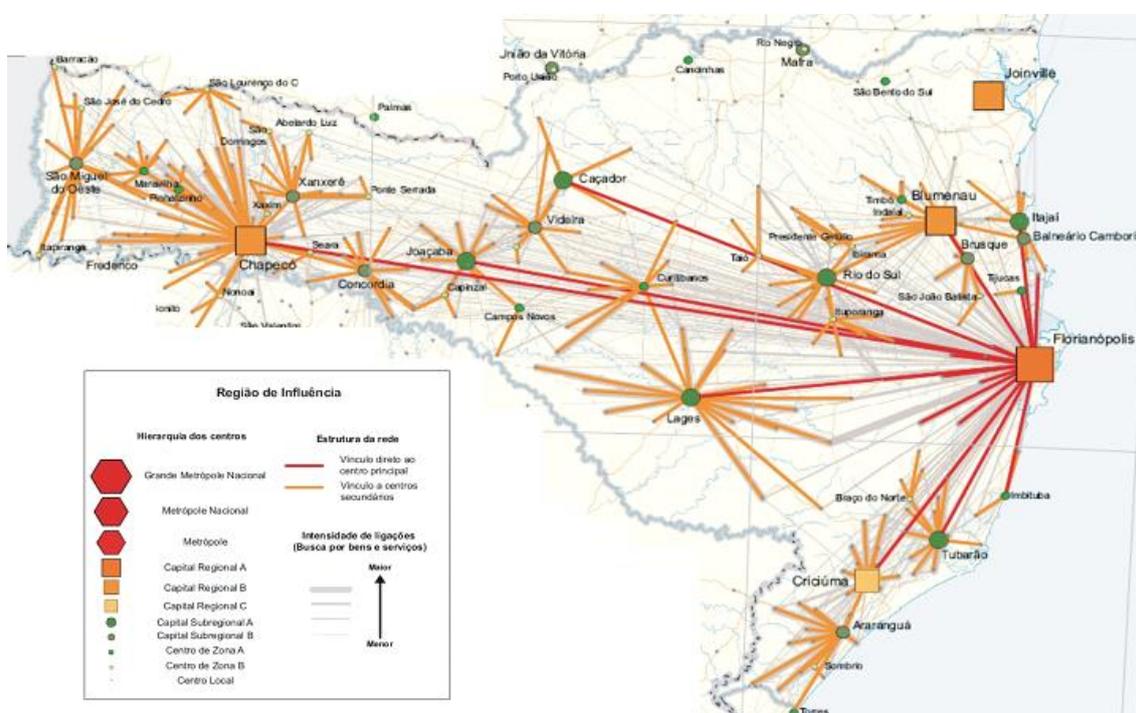


Figura 1. Mapa REGIC 2008. Rede urbana de Santa Catarina

Segundo Soares (1999), as cidades médias vêm redefinindo seu papel na rede urbana nacional junto com a globalização. Metaforicamente, podemos associar as cidades médias às crianças em pleno desenvolvimento. Nelas podem ser observados padrões de crescimento econômico e populacional que atraíram o olhar dos grandes empreendimentos comerciais (como shopping centers) como potências do consumo.

A instalação de shoppings centers no Brasil se deu a partir da década de 1960 e esses procuravam como principais locais para implantação áreas populosas e centrais (MOACYR⁵), mas atualmente 26% dos shoppings centers estão localizados em cidades com populações entre 200 e 500 mil habitantes, boa parte destas desempenhando papéis intermediários na rede urbana.

Podemos imaginar a partir disso, a importância cada vez maior do consumo na definição do status de cidade bem desenvolvida ou em pleno desenvolvimento.

A cidade de Chapecó localiza-se na região oeste do estado de Santa Catarina (Figura 2). É a maior cidade da região e conseqüentemente a polarizadora das principais atividades do interior do estado em sua porção centro-oeste, bem como faz intermediações diretamente com as principais metrópoles nacionais e até mesmo algumas internacionais (GRETZLER, 2011). Foi em 2010 declarada Região Metropolitana de Chapecó pelo governo do estado⁶.

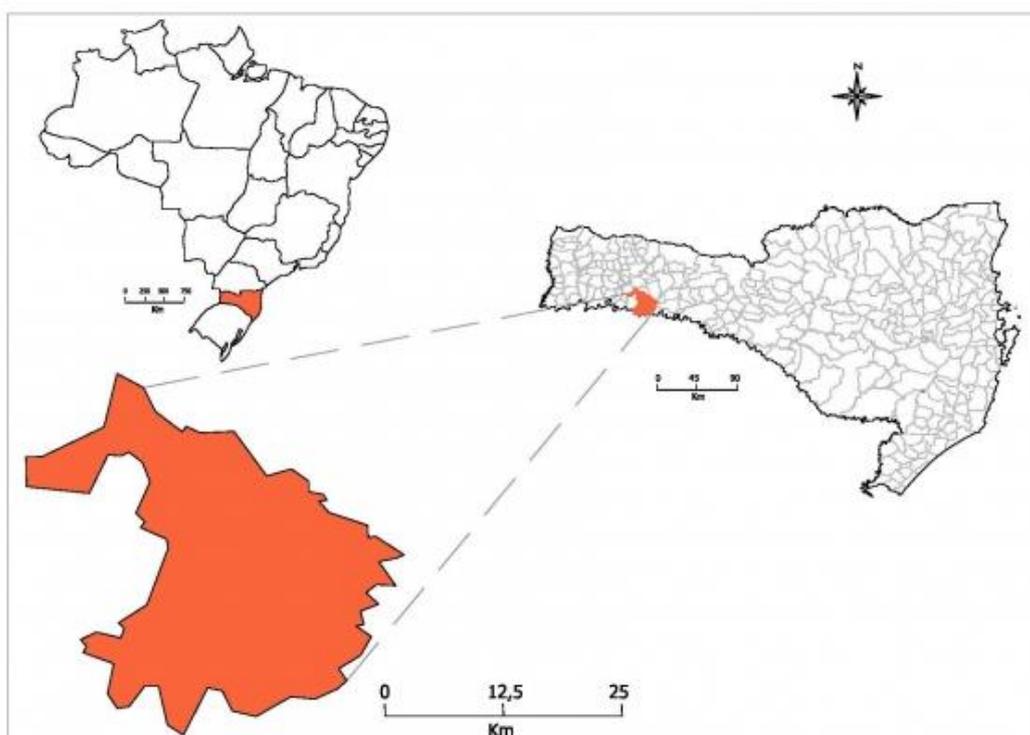


Figura 2. Localização da cidade de Chapecó no estado de Santa Catarina. Fonte: Espaços e relações de poder em Chapecó/SC na década de 1950, Cristina de Moraes.

⁵ <http://www.senac.br/INFORMATIVO/bts/232/boltec232e.htm>

⁶ Lei Complementar Nº 523, de 17 de dezembro de 2010.

A cidade de Chapecó tem importância relevante para a região Oeste desde a sua criação, sendo que das emancipações de distritos do município de Chapecó surgiram todas as cidades do oeste catarinense. Desde sua criação, Chapecó assumiu a liderança das atividades econômicas, políticas, culturais e sociais das pequenas cidades que polariza (GRETZLER, 2011).

O crescimento urbano da cidade de Chapecó aconteceu de forma acelerada, como pode ser observado na tabela 1 a seguir:

Tabela 1. População chapecoense segundo situação de domicílio 1980-2016

Ano	População total	População Urbana	População Rural
1980	83.772	55.226	28.546
1991	123.050	96.751	26.299
1996	131.014	113.988	17.026
2000	146.967	134.592	12.375
2007	163.178	150.426	12.752
2010	183.530	168.113	15.417
2016	209.553	-	-

Fonte: SEBRAE - SC; IBGE Censo 2010 e estimativas 2016. Organização da autora.

Desde 2007, a população urbana da Chapecó é superior à 90%, e segundo os dados do Censo levantado pelo IBGE em 2010. Esses números de superioridade demográfica urbana se confirmam, mesmo com um também aumento da população rural no ano de 2010. Essas informações podem ser verificadas nos gráficos 1 e 2 a seguir:

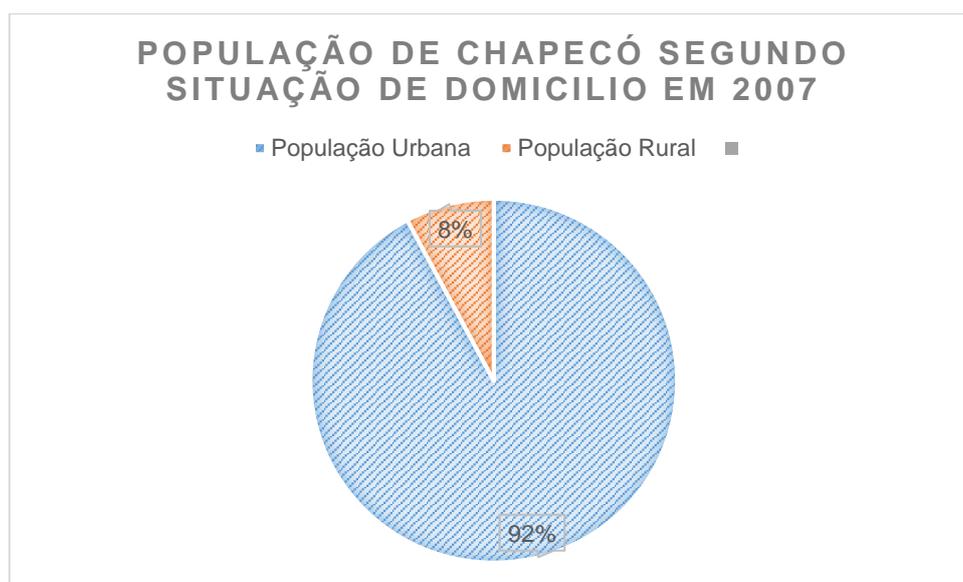


Gráfico 1. População urbana e rural de Chapecó em 2007. Fonte: SEBRAE, Organização da autora.

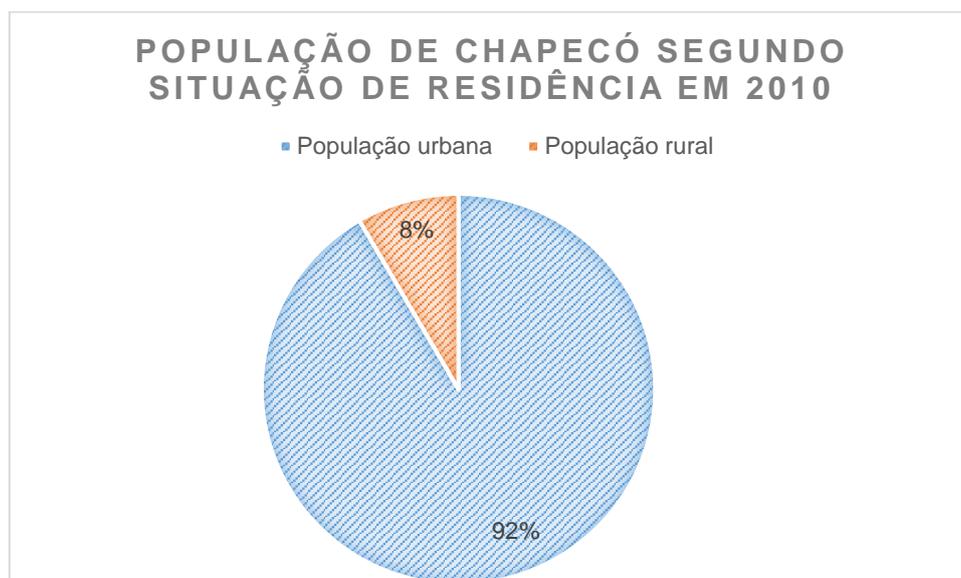


Gráfico 2. População rural e urbana de Chapecó em 2010. Fonte: IBGE, censo 2010, Organização da autora.

Estima-se que, em 2010, aproximadamente 19,4%⁷ da população estava entre as faixas etárias de 15 e 24 anos, ou seja, compunham a população de jovens da cidade. A partir disso, é importante deixar claro que os grupos de jovens frequentadores do estacionamento da Havan não representam toda essa população de jovens, nem mesmo os jovens frequentadores de outros espaços citados a seguir corresponderam em sua totalidade à população jovem de Chapecó.

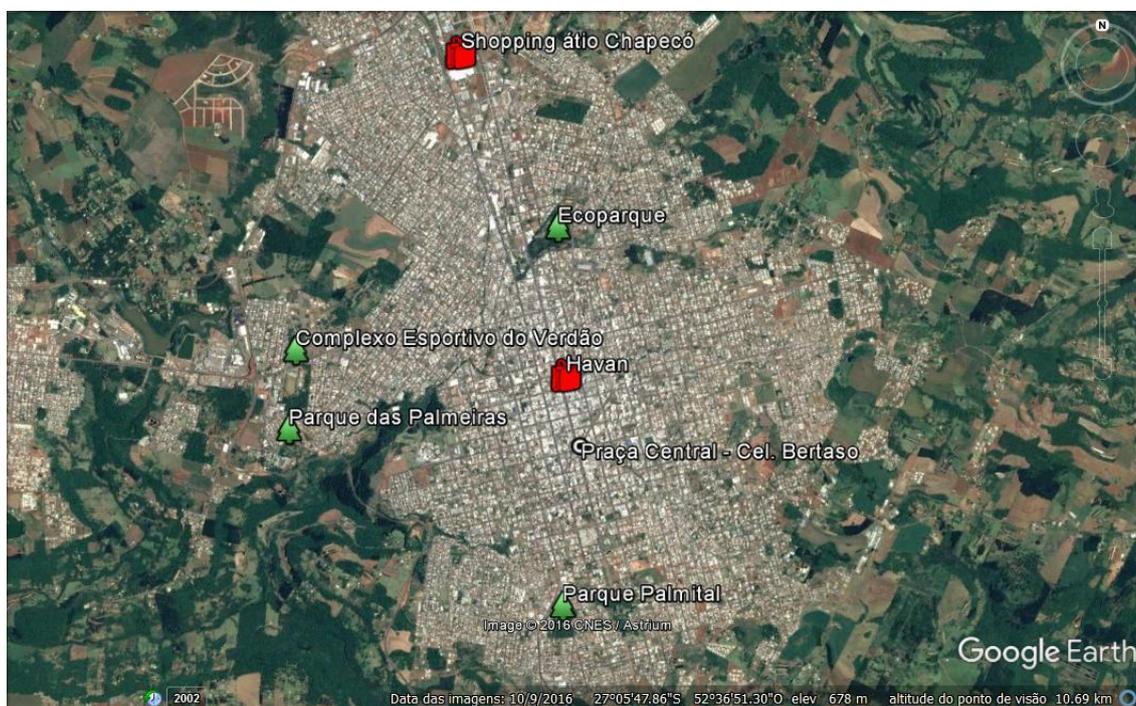
Chapecó foi fundada em 25 de agosto de 1917, caracterizando-se hoje, portanto, como uma cidade ainda muito jovem e a importância que ela adquiriu na rede urbana nacional (figura 1) em um curto espaço de tempo diz muito sobre a organização e crescimento pouco planejado pelo qual a cidade passou. Isso explica, mas não justifica, o fato de os espaços públicos existentes não atenderem às necessidades de sociabilidade da população, levando em consideração as ocupações de espaços privados observadas na cidade.

Em Chapecó, os principais espaços públicos de sociabilidade e lazer, os que recebem investimentos da prefeitura, são algumas praças nos bairros, mas

⁷ Estatística elaborada a partir da pirâmide etária de Chapecó (2010) elaborada pelo IBGE. Fonte para consulta: http://www.censo2010.ibge.gov.br/sinopse/webservice/frm_piramide.php?codigo=420420

com pouca ou nenhuma arborização e estrutura precária, que são chamadas de academias ao ar livre, e os parques, que são quatro: o Ecoparque, o Parque das Palmeiras, o Complexo Esportivo do Verdão e o Parque Palmital (figura 3).

Figura 3. Localização dos principais parques de Chapecó



Fonte: GoogleEarth Elaboração: da autora

Além do fato de Chapecó disponibilizar poucos espaços para sociabilidade, todos eles – todos – estão condicionados a regras de restrição de uso, sendo assim, nenhum deles chega a um nível mais próximo de espaço público de uso livre. Em todos eles, existem placas em que consta o rol de proibições ou restrições de uso.

As regras de usos do espaço público em Chapecó geram uma seleção das atividades de sociabilidade, dando preferência para as atividades diretamente ligadas ao consumo. Depois da instalação do shopping em Chapecó, muitos dos espaços de sociabilidade e também de cultura migraram para esse espaço, por exemplo o cinema da cidade, fortalecendo, assim, o papel central de espaço de sociabilidade desenhado para o Shopping Pátio Chapecó.

Shopping pátio Chapecó

O Shopping Pátio Chapecó (Figura 4) é o único empreendimento do tipo na cidade de Chapecó e em toda a região Oeste Catarinense. Inaugurado em outubro de 2011, foi concretizado com investimento de empresário locais.

Segundo Motter e Batella (2013), a instalação desse equipamento comercial fortaleceu o papel central que Chapecó já tinha em sua região, dando mais credibilidade ao status de cidade média que a cidade tinha, tornando-se uma cidade mais moderna, segundo os padrões da economia capitalista contemporânea e da sociedade de consumo (BAUDRILLARD, 2009).

O empreendimento contava, em fevereiro de 2016, com uma área total de terreno de 60.000 m², sendo 44.092 m² de área construída e 20.150 m² de área bruta para locação. Foi estimado um público de 4,8 milhões por ano, que frequentam as mais de 120 lojas do shopping, a praça de alimentação e o cinema⁸.

Figura 4. Vista da entrada principal do Shopping Pátio Chapecó



Fonte: Fotografia da autora.

A partir da aplicação de questionários⁹ no centro da cidade, foi possível perceber que a instalação do shopping não reduziu ou influenciou na diminuição da importância do centro tradicional como centro comercial, visto que muitas das lojas que estão no shopping também têm unidades no centro da cidade, e algumas que se instalaram primeiramente no shopping já abriram filiais no

⁸ Informações obtidas no site <http://shoppingpatiochapeco.com.br/shopping.asp> acesso em 29/02/2016.

⁹ Questionários realizados no desenvolvimento do trabalho de campo da disciplina de Geografia Urbana, em novembro de 2015. Foram 146 questionários aplicados no centro da cidade com os transeuntes de seis dos principais cruzamentos da avenida Getúlio Vargas.

centro, como é o caso das Lojas Americanas, por exemplo. Além disso, o perfil das lojas que se encontram no Shopping Pátio Chapecó está voltado para um público com poder de compra mais alto, fazendo um papel de seleção dos frequentadores, e deixando por conta do centro o comércio mais popular.

Isso pode ser explicado pelo gráfico 3 a seguir:



Gráfico 3. Frequência de ida ao shopping do público entrevistado no centro da cidade. Fonte: Trabalho de campo de geografia urbana realizado em 2015. Organização da autora.

No gráfico, podemos observar que a frequência das 146 pessoas que responderam ao questionário no centro da cidade não é tão assídua no Shopping Pátio Chapecó, sendo que 26% deles nunca estiveram no shopping da cidade, fortalecendo a hipótese de que os perfis das lojas localizadas no shopping selecionam um público frequentador diferente do que frequenta o centro tradicional da cidade.

O shopping foi instalado no eixo Norte da cidade e as justificativas para a escolha do lugar vão da expansão da cidade para tal eixo até o aproveitamento dos contornos viários oeste, já pronto, e leste, que ainda está em fase de projeto. De qualquer maneira, o shopping impulsionou o mercado imobiliário naquela direção e grandes loteamentos foram criados, bem como um prolongamento da avenida Getúlio Vargas foi feito.

O Shopping Pátio Chapecó atrai o público de toda a região Oeste do estado de Santa Catarina e até mesmo de algumas cidades do noroeste gaúcho

que fazem divisa com o município e mesmo as mais distantes do sudoeste do Paraná, como Palmas ou Francisco Beltrão.

Além de lojas de capital local (Hug Baby, Loucos e Santos, por exemplo), regional (Havan, Pittol Calçados) e nacional (Lojas Americanas, Renner, Riachuelo, Giraffas), o shopping conta com franquias ou lojas de revenda de marcas internacionais (McDonalds, Samsung, Chilli Beans, entre outras), uma ampla gama de restaurantes e lanchonetes e abriga o único cinema da cidade, que antes da implantação do shopping estava localizado no centro.

O shopping não consegue, contudo, abrigar todas as práticas de sociabilidade, e não se preocupa em atender a todos os públicos, principalmente durante a noite. Por isso, outros espaços da cidade são utilizados para sanar essas necessidades de espaço para sociabilidade, muitos desses públicos e outros, privados.

Estacionamento da Havan

A Havan surgiu na cidade de Brusque no estado de Santa Catarina, na década de 1990. No ano de 1999, tornou-se uma loja de departamentos que iniciou sua expansão pelo estado de Santa Catarina, e depois para outros estados do Brasil, contando 99 lojas no início de 2017. Atualmente, o grupo Havan, liderado por Luciano Hans, contempla além das lojas outros empreendimentos no Sul do Brasil, nos segmentos de geração de energia elétrica, postos de combustível, factoring, hotelaria, entre outros.¹⁰

A primeira unidade da loja em Chapecó foi inaugurada no dia 6 de outubro do ano de 2007, com 5 mil m², no centro da cidade, ao lado do calçadão (figura 4). Com a instalação do shopping em Chapecó, a Havan abriu uma nova unidade localizada no empreendimento.

A loja localizada no centro possui um amplo estacionamento, que durante o dia é utilizado pelos consumidores que frequentam a loja (Figura 5), mas que durante o período noturno, principalmente a partir das 22:30 (que é o horário de fechamento da loja) torna-se ponto de encontro de jovens para a prática de

¹⁰ <http://www.lojashavan.com.br/historia>

esportes como skatismo e patinação, bem como rodas de conversa, música e consumo de bebidas alcoólicas (Figura 6).

O estacionamento da Havan é um espaço localizado bem no centro da cidade sem cerceamento, é asfaltado e não apresenta desníveis, o que é exatamente o que é preciso para andar de patins, skate e bicicleta. Além disso, esse espaço fica exatamente ao lado do calçadão, que já era ponto de encontro na cidade e acaba se “associando” com os bares que se localizam ali, especialmente um chamado Vikings, que fica em frente.

Figura 5. Vista do estacionamento da Havan durante o dia.



Fonte: Acervo da autora.

Figura 6. Jovens ocupando o estacionamento da Havan em um final de semana (sábado) durante à noite.



Fonte: fotografia da autora.

Outros espaços que surgiram

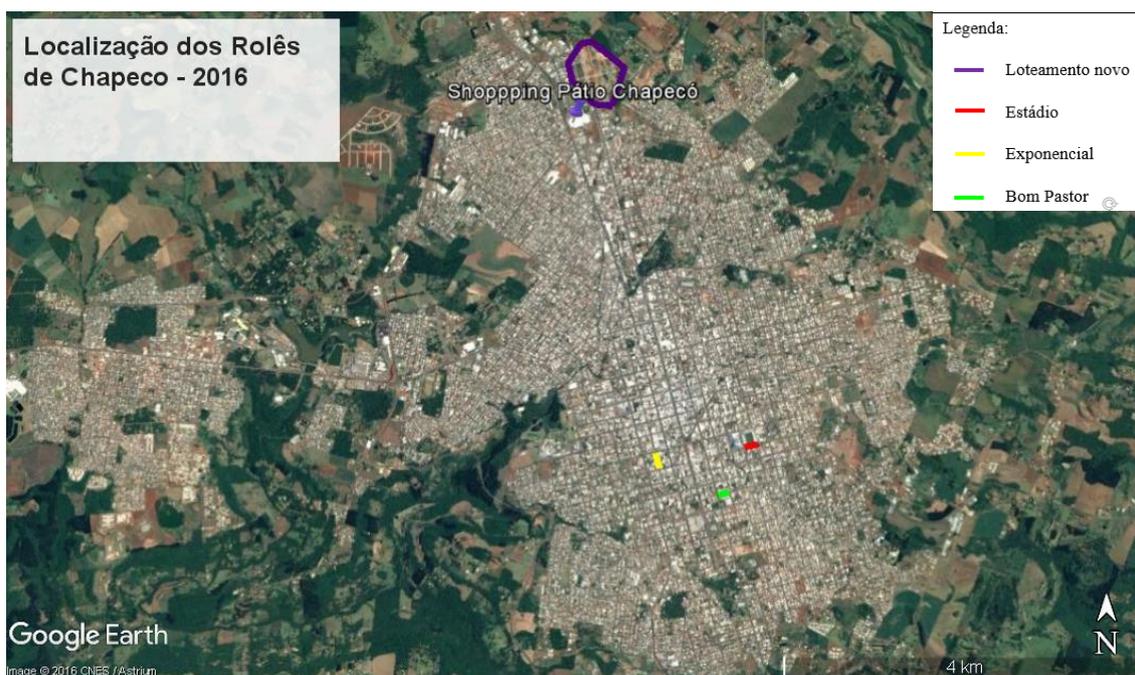
No decorrer da pesquisa, houve um momento em que o estacionamento se esvaziou, isso aconteceu principalmente no inverno, que foi bem rigoroso no ano de 2016, e também no período em que aconteceram as ocupações de estudantes na Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina (IFSC) e nas escolas de educação básica estaduais e municipais.

Nesses dois períodos, foi necessário descobrir outros espaços na cidade que também eram utilizados para a sociabilidade dos jovens. Descobri nessa ocasião a existência dos chamados “rolês”, uma ocupação dinâmica de espaços que acontece há muito tempo e o público que os frequenta, apesar da mesma faixa etária do grupo que frequenta a Havan, é bem diferente.

A dinâmica desses espaços é bem fácil de entender, pois existem alguns pontos predeterminados na cidade, sendo eles: a quadra da Arena Condá, a quadra do Colégio Bom Pastor, a quadra do Colégio Exponencial e o Loteamento Desbravador (que é aquele novo aberto no prolongamento da avenida Getúlio Vargas) (figura 7). Os jovens que frequentam esses espaços dependem do

transporte automotivo para se deslocar entre os pontos e a movimentação acontece de acordo com a abordagem policial. Isso quer dizer que eles se reúnem geralmente no primeiro ponto, que é a Arena Condá, e permanecem ali até que a polícia apareça para que se dispersem. Eles então migram para um dos outros pontos e seguem essa movimentação durante a noite.

Figura 7. Localização dos pontos de "rolês" em Chapecó no ano de 2016.



Fonte: Entrevistas. Elaboração da autora.

Esses rolês são frequentados por mais pessoas, e aqui não foram feitas entrevistas nem conversas seguindo um roteiro, como foi feito no espaço da Havan, mas, em conversa informal com algumas pessoas, descobri que esses rolês acontecem há quase dois anos nesses lugares, principalmente no espaço próximo à Arena Condá.

As músicas, as roupas e o comportamento das pessoas do rolê, diferem bastante dos frequentadores do estacionamento da Havan, e a repressão policial aos rolês é mais rigorosa do que em relação ao público da Havan.

Nos meses de novembro e dezembro de 2016, aconteceram operações policiais especialmente para recolher as bebidas e sons automotivos dos rolês, bem como para revistar e dispersar essas pessoas. Isso fez com que os frequentadores desses espaços abandonassem a prática do rolê por um período,

mas, no mês de janeiro de 2017, os rolês já estavam acontecendo como antes (e a ação policial continuou acontecendo, porém em menor intensidade).

Em um blog jornalístico local chamado “Blog Diário Chapecó”¹¹, foi publicada uma matéria no dia 21 de janeiro de 2017 sobre a ação da polícia em relação aos frequentadores desses espaços (figura 8). Nada ilícito foi encontrado, entretanto podemos observar o apoio da população em relação a essas pessoas em alguns dos comentários dessa reportagem, por exemplo:

“Parabéns a PM por estas ações” (Silvio)

“O AJ Hotel Chapecó parabeniza e agradece a Polícia Militar pelo trabalho de contenção realizado no último final de semana do movimento que acontece nos finais de semana na região da Avenida Getúlio Vargas.” (Fernanda Bueno)

“Saíram do prolongamento e não deixaram ninguém dormir no Calçadão... bando de desordeiros.” (Valcir)¹²

Podemos observar, nesses comentários também, mas em número menor, pessoas que criticam a polícia militar de Chapecó e pedem ao poder público por espaços para sociabilidade:

“Esse pessoal “PERTURBADO” (incomodado) vivia na avenida antigamente e agora que estão ‘velhos’ e não acompanham mais o ritmo querem acabar com quem faz festa... Caro Bulligon¹³ queremos um local adequado para nossas festinhas!!!” (Patrik)

“Não generalize, pois é um local onde não existem moradores e não tem nenhuma sinalização dizendo que é proibido o uso do local. Ter respeito não é banir os jovens que vão para se divertir, mas sim fiscalizar e não humilhar quem não tem culpa por alguns serem imprudentes!” (Josiele)

Vale recordar que, antes da instalação do shopping em Chapecó, a porção mais ao norte da Av. Getúlio Vargas já era usado para a sociabilidade juvenil.

¹¹<https://diariochapecosite.wordpress.com/2017/01/21/pm-acaba-com-festinhas-no-prolongamento-da-avenida-getulio-vargas-durante-a-madrugada/comment-page-1/>

¹² Todos os comentários podem ser encontrados no link acima.

¹³ Prefeito da cidade de Chapecó no período da realização da pesquisa.

Figura 8. Ação da PM no prolongamento da Avenida Getúlio Vargas em Chapecó



Fonte: Blog Diário Chapecó.

CAPÍTULO 3 - O ESTACIONAMENTO DA HAVAN: UM ESPAÇO SEMIPÚBLICO

Atualmente, a privatização de espaços públicos, como ruas e praças, dentro de condomínios fechados ou o controle de uso de parques e praças através de normativas proibitivas de inúmeras práticas e do uso de cercas com a justificativa de aumentar a segurança faz com que, de certa forma as pessoas, se sintam compelidas a migrar seus espaços de sociabilidade para locais privados que foram construídos com o objetivo de prover a sociabilidade de modo diretamente vinculado ao consumo, como os shoppings centers (ANDRADE; JAIME; ALMEIDA, 2009).

Durante os trabalhos de campo realizados no shopping de Chapecó, foi possível diagnosticar o papel importante que este espaço tem para a sociabilidade de boa parte da população. Em geral, os shoppings centers são o melhor exemplo dos espaços semipublicos que Voyce (2009) trata, pois são espaços privados que simulam um ambiente público, dando a ideia, questionável no caso do shopping, de uma associação entre liberdade e segurança.

O Shopping Pátio Chapecó, que surgiu no ano de 2011, pode ser considerado como um dos principais espaços destinados à sociabilidade em Chapecó. Durante os trabalhos de campo, foi possível observar que o shopping é foco majoritariamente das populações de renda média a alta e é principalmente frequentado por famílias. Raramente, nos trabalhos de campo, foram vistos grupos de jovens, no máximo havia adolescentes, mas também de rendas mais abastadas, que frequentam basicamente o cinema e a praça de alimentação.

Segundo algumas conversas informais¹⁴ que tivemos com alguns funcionários do shopping, à noite (a partir das 18 horas) o shopping passa a alcançar seu pico de público, no entanto nos períodos da manhã e da tarde, as lojas e até mesmo a praça de alimentação são espaços tranquilos e relativamente vazios (Figura 9). Além disso, o movimento começa a aumentar próximo do final de semana. Isso pode ser explicado talvez, pela dinâmica industrial com que a cidade de Chapecó está acostumada, já que seu

¹⁴ Não obtivemos autorização formal da Administração do empreendimento para a realização da pesquisa, razão pela qual apenas conversas informais foram feitas com funcionários e frequentadores.

crescimento é devido às indústrias frigoríficas da cidade, pelos horários de funcionamento do comércio no centro tradicional e também dos estabelecimentos prestadores de serviços que funcionam durante o dia e fecham às 18 horas, horário em que o shopping aumenta seu público.

Figura 9. Vista da parte interna do Shopping Pátio Chapecó



Fonte: Acervo da autora.

Foi a partir dessas observações que a questão sobre a sociabilidade juvenil surgiu e então o estacionamento da Havan, no centro da cidade, passou a ser uma possibilidade de resposta a isso.

O estacionamento da Havan se configura, assim como o Shopping Pátio Chapecó, como um espaço privado que, dentre outros objetivos, se tornou um espaço de sociabilidade na cidade de Chapecó. Diferentemente do shopping, o estacionamento da Havan, ou somente Havan como denominam os frequentadores, não é um espaço criado para prover condições de sociabilidade, entretanto é um dos espaços do centro da cidade mais utilizados para a sociabilidade juvenil.

Uma das questões interessantes sobre a Havan é que não existe ligação direta com atividades de consumo, é um espaço privado, mas sem grades,

muros ou nenhum tipo de contenção física, é aberto durante os períodos noturnos, não cobra nenhuma taxa de serviço e não vende nada, pontos que agradam muito aos jovens que são os principais frequentadores do local.

O estacionamento da Havan é um espaço que é utilizado há bastante¹⁵ tempo pelos praticantes de patinação (Figura 10), que já sofreram várias formas de repressão por parte da loja e da polícia, mas, graças à organização dos usuários e manifestações sobre a Havan não apoiar a prática de esportes, a loja decidiu que iria liberar o uso de seu estacionamento no período noturno para a socialização (Figura 11) e prática de esportes dos jovens.

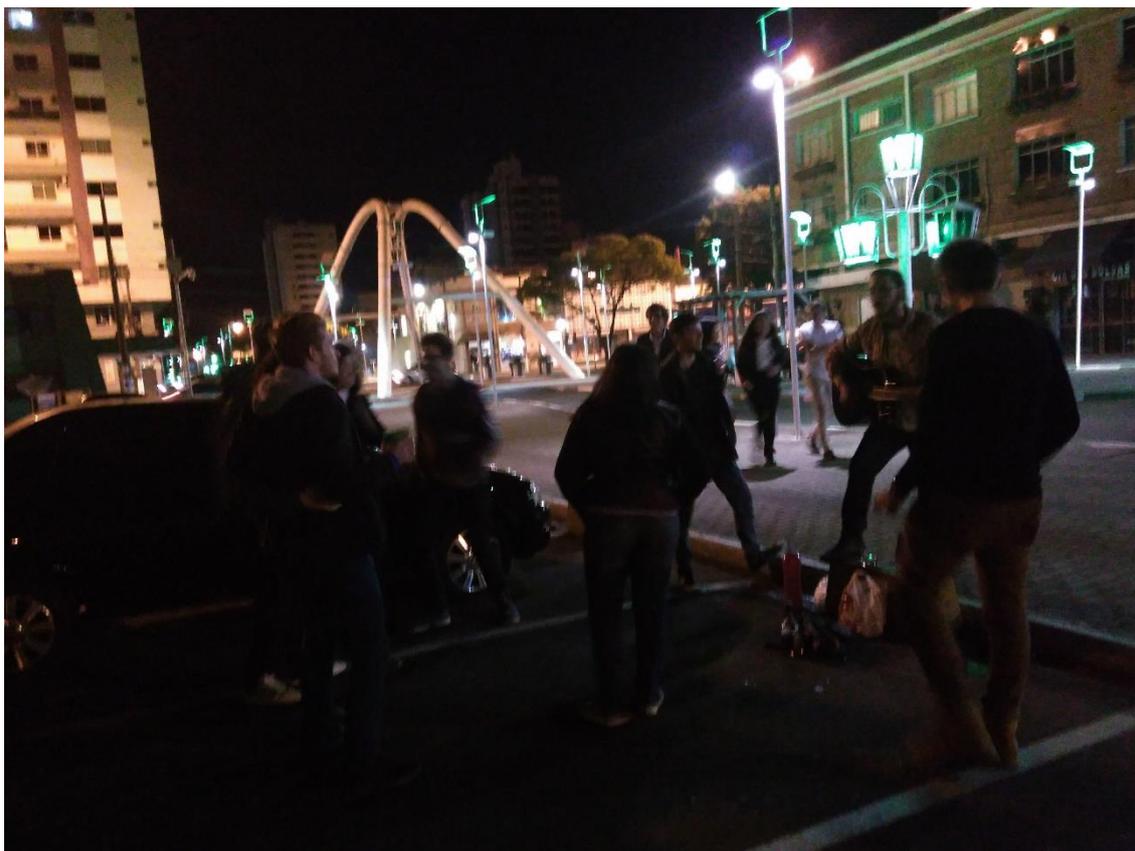
Figura 10. Jovens andando de patins na Havan



Fonte: Leocélis, facebook.

¹⁵ Segundo alguns frequentadores, o espaço é utilizado há mais de quatro anos, mas não há uma data específica de quando começou a utilização desse espaço para a sociabilidade.

Figura 11. Jovens tocando violão no estacionamento da Havan



Fonte: Acervo da autora.¹⁶¹⁷

Em observações feitas em campo, foi possível constatar que a maioria do público que frequenta a Havan é composta por homens, mas as mulheres não deixam de participar e compor o espaço, e com uma certa igualdade nas relações. O que eu quero dizer é que as meninas que frequentam o espaço da Havan não estão ali como acompanhantes dos meninos, elas são independentes e muitos grupos são compostos apenas por meninas.

Mesmo que a prática de esportes – principalmente a patinação – tenha sido o precursor da ocupação do espaço da Havan, atualmente, muitas das pessoas que vão ali não praticam nenhum esporte, só vão porque aquele espaço se tornou um ponto de encontro, onde não é preciso combinar, você sabe que se chegar ali vai encontrar alguém para socializar. Isso faz também com que a maioria dos frequentadores se conheça, mesmo que seja apenas de vista, mas

¹⁶ Algumas imagens foram escurecidas para preservar a identidade dos usuários, que foram fotografados sem autorização para identificação dos rostos.

¹⁷ Todas as fotografias do estacionamento da Havan foram realizadas entre maio e dezembro de 2016.

a maioria já teve conversas rápidas, através de alguém que os apresentou ou por que a pessoa simplesmente parou, agregou-se ao grupo e conversou.

A bebida alcoólica também é elemento muito presente entre os jovens frequentadores do estacionamento da Havan e é essa a principal razão que o poder público utiliza para dispersar os jovens, tanto deste espaço como de outros, já que em Chapecó existe uma lei municipal que proíbe todo e qualquer consumo de bebidas alcoólicas em logradouros públicos ou que tenham ligação direta com logradouros públicos (Lei Municipal nº 6555), como é o caso da Havan.

Essa lei, de 7 de março de 2014, entretanto, é conveniente aos bares e quaisquer estabelecimentos que comercializam bebidas alcoólicas, pois esses têm permissão da própria lei de comercializar esses produtos em via pública, inclusive:

Art. 1º Fica proibido o consumo de bebidas alcoólicas de qualquer graduação em Logradouros Públicos do Município de Chapecó, Estado de Santa Catarina. [...]Parágrafo Único [...] poderá haver o consumo de bebidas alcoólicas: [...] III - entorno de bares, quiosques, lanchonetes e restaurantes, nos limites determinados pelo Poder Público em sua autorização e desde que a bebida seja proveniente do respectivo estabelecimento.¹⁸

Essa lei limita a sociabilidade juvenil e conta com o apoio da população em geral, e a polícia militar de Chapecó faz o trabalho de reprimir as práticas, amparados por uma lei que não precisa de denúncia para que a abordagem aconteça (como é o caso da lei do distúrbio, por exemplo).

Uma vez, a polícia chegou aqui e foi revistando todo mundo, mas a gente não, por que eles não podem revistar as meninas, né? Só se forem policiais mulheres. Aí eles pediram para a gente sair daqui, porque não poderíamos consumir bebidas nesse local. Ele começou a falar que a gente deveria ir para outro lugar e eu fiquei esperando, para ver onde ele nos mandaria ir, já que em Chapecó não pode beber em lugar nenhum. Ele nos mandou beber em casa. Eu moro no bairro Efapi, as gurias que estavam comigo em outros bairros, todos longe do centro, não tem ônibus no sábado de madrugada para a maioria desses bairros, ou seja, não saiam de casa, não precisa ter amigos nem se divertir (Andressa¹⁹, outubro de 2016).

Dessa forma, o poder público incentiva as atividades de sociabilidade pagas e criminaliza, de certa forma, o lazer em espaços públicos, ou no caso da

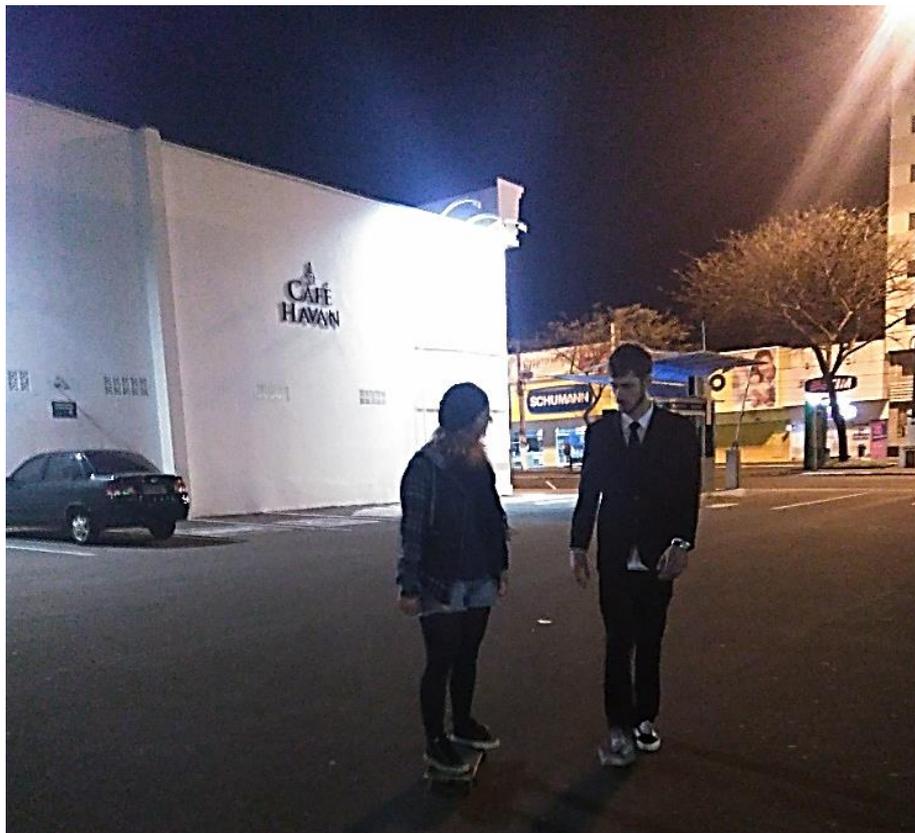
¹⁸ A lei completa pode ser encontrada nos anexos desse trabalho

¹⁹ Todos os nomes dos entrevistados são fictícios para preservar a identidade dos respondentes.

Havan semipúblicos, limitando a sociabilidade daqueles que não podem pagar por ela.

O público que frequenta a Havan é composto principalmente por jovens na faixa dos 20 anos. Muitas famílias também frequentam esse espaço, mas em horários um pouco distintos. A loja fecha às 22h30, mas a partir das 21 horas (em horário de verão) alguns pais trazem seus filhos para andar de bicicleta, skate e patins (Figuras 12, 13 e 14).

Figura 12. Jovem ensinando a andar de skate



Fonte: acervo da autora.

Figura 13. Jovens utilizando o espaço da Havan para sociabilidade noturna



Fonte: acervo da autora

Figura 14. Pai sentado, enquanto o filho anda de bicicleta no estacionamento da Havan



Fonte: acervo da autora.

Chapecó vem se tornando uma aspirante a cidade universitária, em função da existência de várias instituições de educação superior, mas, segundo as observações feitas nos trabalhos de campo, a sociedade não consegue

aceitar com facilidade o diferente, então muitos dos frequentadores do estacionamento da Havan são jovens universitários, em sua maioria da UFFS, provenientes de outras regiões do Brasil, que conheceram o espaço através de amigos da universidade que já o frequentavam. Isso faz também com que a diversidade de gêneros, de cor de pele e de estilos seja muito superior à de outros pontos de encontros de jovens da cidade.

(risos), o povo daqui é engraçado, eu já ouvi muito que a UFFS foi colocada aqui pelo PT e que a gente veio para cá só para vandalizar, tirar o sossego do povo daqui (Letícia, outubro de 2016).

Geralmente os frequentadores da Havan que vão com o objetivo da prática de esportes são mais assíduos, alguns chegam a ir de 4 a 5 vezes por semana até o local. Já aqueles que vão para se encontrar com amigos, consumir bebidas alcoólicas, tocar música, etc. vão principalmente nos fins de semana, mas isso não significa que não haja frequência dessas pessoas durante a semana, principalmente no período de férias.

Segundo as entrevistas, a maioria das pessoas que frequentam a Havan e são naturais de Chapecó costumam ir a outros lugares para socializar, locais conhecidos como “picos”, que são basicamente “locais altos e isolados que possibilitam uma paz”²⁰. O pessoal universitário de fora da cidade também frequenta esses espaços, mas é uma quantidade menor de pessoas.

Os “rolês” são conhecidos pelos frequentadores da Havan, alguns até frequentam esses espaços. Segundo os jovens que frequentam ambos os espaços, o público é muito parecido, salvo o estilo musical.

O estacionamento está diretamente ligado ao calçadão da cidade, muitas pessoas também ocupam os espaços nesses locais, mas eles são insuficientes, e muitos disseram que nunca se sentam nos bancos “porque sempre já tem gente ocupando”.

Ao serem questionados sobre a utilização das praças da cidade, eles afirmaram que se sentem mais à vontade ali, porque ali é onde estão as pessoas. Além disso, nas praças, a iluminação não é muito boa e não possibilita a prática

²⁰ Palavras dos entrevistados.

de esportes, o que faz com que um grupo composto de pessoas que praticam esportes e pessoas que não praticam possa se reunir.

O estacionamento da Havan é um espaço privado e todos os entrevistados afirmaram que tem consciência disso, mas que não os parece que aquele lugar tem dono, porque a mesma repressão policial que sofrem ali, sofrem em qualquer lugar público de Chapecó, pois as acusações são as mesmas (distúrbio do silêncio, consumo de bebida alcoólica e uso de drogas).

Durante o dia, os outros espaços da cidade destinados à sociabilidade são utilizados pela maioria dos jovens com os quais conversei, parques e praças, bem como o shopping, já que muitos deles trabalham por lá e vão para o estacionamento da Havan depois do expediente. Mas durante a noite, a Havan é o lugar mais fácil, porque está bem no centro da cidade e facilita o acesso até mesmo pelo transporte público e porque é bem iluminado, tem um bar na frente, que muitos frequentam, e fazem às vezes um movimento de ocupação do bar e do estacionamento ao mesmo tempo.

Entretanto, dos 13 entrevistados, 8 não conseguem ver o shopping center como um espaço de convívio no qual eles se sintam confortáveis, seja porque trabalham no shopping e veem aquele espaço como lugar de trabalho e não de sociabilidade, seja porque o shopping de Chapecó impõe um padrão aos seus frequentadores:

Eu vim do Rio de Janeiro, sempre fui para o shopping de chinelo. Fiz isso uma vez aqui, e acho que eu era o único no shopping inteiro que estava de chinelos Havaianas (Eduardo, outubro de 2016).

Chapecó foi descrita pela maior parte dos entrevistados como uma cidade conservadora e preconceituosa e o julgamento que eles recebem por estar ali é sempre o mesmo: “drogados que não têm nada para fazer e só estão ali para sujar e fazer barulho atrapalhando os ‘cidadãos de bem’ que trabalham”. O mais interessante acerca disso é que, em todas as visitas de campo que fiz ao estacionamento, vi pouquíssimas vezes o uso do som automotivo ali, a música que eles ouvem provém de grupos que tocam violão e cantam, celulares e muitas vezes do próprio Vikings – o bar localizado em frente.

A principal reivindicação dos jovens, quando eu questionei sobre as necessidades de espaços público em Chapecó, foi um espaço livre para andar

de skate e patins. Mas teve um entrevistado que fez uma fala muito interessante, segundo ele:

Chapecó precisa entender que existem jovens aqui e que, mesmo que as pessoas tenham esquecido, um dia foram jovens e tinham necessidade de se divertir também. Não custava nada para o prefeito pegar um desses terrenos que a prefeitura tem e deixar para a gente, sabe? Para nós do esporte e para o povo do som e dos carros rebaixados. Ia poupar tanto trabalho da polícia de ficar “catando” as pessoas pela cidade (Isabel, outubro de 2016).

Nesse sentido, quando Milton Santos (2001) se referia à cidade que não serve aos cidadãos, mas sim ao mercado, podemos aplicar à situação de sociabilidade em Chapecó, que é permitida apenas para os cidadãos que podem pagar pelo espaço que estão ocupando, seja consumindo em bares ou frequentando o shopping ou casas de festa. Para os demais, que dependem de espaços públicos, são aplicadas atitudes de repressão policial e julgamentos amparadas pelo legislativo municipal.

A sociabilidade é para os jovens a prática mais importante da vida, segundo eles. E esses espaços para a sociabilidade são fundamentais, principalmente quando estão solteiros – maior parte do público da Havan – já que não precisam realmente combinar com alguém para sair. Basta chegar à Havan e, mesmo se não conhecer ninguém que está ali, é só sentar-se com algum grupo e conversar. Geralmente as pessoas ali são bem receptivas.

A sociabilidade é a coisa mais importante, né? Se tu não saís de casa, não te divertes, tu acabas ficando sozinho, é importante ter amigos (Carlos, outubro de 2016).

A última parte do roteiro de entrevistas dizia respeito à ideia de direito à cidade que eles/elas (os/as jovens) tinham. Muitos apresentaram estranheza ao termo, mas a maior parte deles, ao pensar sobre isso, conseguiu expressar muito bem o que acreditava ser o direito à cidade, em seu sentido coletivo, não individualista:

Direito à cidade? Isso existe? (Risos) acho que é o direito de todas as pessoas usufruírem dos espaços públicos [...] todas as pessoas têm esse direito, mas nem sempre isso acontece (Carlos, outubro de 2016).

Direito a espaço público? Não entendi direito. Pessoa tem direito a cidade? Frequentar livremente todos os espaços, sei lá, que difícil isso (Patrícia, novembro de 2016).

Alguns ainda chegaram a citar o shopping como espaço público:

Bom, não sei nada sobre isso, sinceramente, mas penso que seja sobre o acesso das classes de baixa renda às 'estruturas' utilizáveis ao público como shoppings, locais de lazer, etc. (Alan, dezembro de 2016).

Nem todos pensam dessa forma claro, alguns deixaram claro que o direito de cada um deveria ser respeitado, mas sempre considerando o seu próprio direito à cidade.

De qualquer maneira, perguntar aos jovens sobre o direito à cidade foi uma surpresa muito boa da pesquisa. Mesmo que as respostas mais esclarecidas sobre o direito à cidade tenham vindo de pessoas com nível maior de formação, a maior parte deles entende que é importante que todos tenham direito a frequentar todos os espaços, não só as classes com maior poder aquisitivo, como acaba acontecendo em Chapecó.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa de conclusão de curso, foram analisados os usos de alguns espaços de sociabilidade de Chapecó e dos grupos de jovens que frequentam esses espaços. Foi possível, por meio da análise do uso, verificar a importância do espaço público para a promoção da sociabilidade e a falta que espaços públicos adequados fazem.

Em uma primeira análise, foi feito um embasamento teórico sobre os conceitos de espaço público e privado, bem como uma análise histórica da origem e da importância desses espaços. Foi feita também uma conceituação e reflexão sobre a sociabilidade na sociedade moderna e da importância dela, bem como a diferença que tem de outros tipos de socializações. Essas reflexões teóricas fornecem base para o estudo de caso apresentado.

Depois disso, localizamos Chapecó e sua importância na rede urbana estadual e nacional, através de dados e informações obtidos no REGIC. Também foi feita uma breve apresentação de alguns espaços de que a cidade dispõe para a prática da sociabilidade juvenil, dentre eles o Shopping Pátio Chapecó e o estacionamento da Havan no centro.

Na última parte, foi feita uma discussão baseada na análise empírica sobre os usos dos espaços, das necessidades que os jovens têm de melhores espaços para a sociabilidade, da repressão feita pelo poder público e pela sociedade conservadora local e da importância da sociabilidade e do direito à cidade para essas pessoas.

Usar um espaço deveria ser a coisa mais simples dentro da cidade, mas nem sempre acontece dessa maneira. Quando o espaço é público, parece que as dificuldades tendem a aumentar, principalmente para aqueles que não estão nas faixas mais elevadas economicamente da cidade.

Não é fácil falar de todas as cidades, visto que cada caso é bem distinto, principalmente em se tratando de cidades médias que não seguem padrões de uso dos espaços. Mas, no caso de Chapecó, parece que os espaços públicos são construídos mais para “embelezar” a cidade do que para serem usados por seus cidadãos.

Isso não quer dizer que o movimento de reivindicação de seu direito à cidade não esteja acontecendo, já que a dinâmica pode mudar, o público pode mudar, mas a cada momento em que a cidade de Chapecó se torna maior, maior também devém a população jovem e maior a necessidade de espaços públicos para a sociabilidade. Os resultados da pesquisa levam a crer que se a administração municipal não mudar sua maneira de abordar a questão e entender que a repressão não é o modo mais adequado para lidar com a juventude, mas sim procurar atender as necessidades de espaço dessas pessoas e governar também para elas e não só para aquelas cujo poder econômico interessa, a apropriação de espaços privados mais acessíveis que públicos deverá continuar acontecendo assim como o desrespeito à mencionada lei, que já surgiu extemporânea e inapropriada.

A sociabilidade, apesar de ser essencial para a vida das pessoas, toca em pontos muito delicados da estrutura da sociedade, e muitas coisas não puderam ser abordadas com tanta ênfase nessa pesquisa. Exatamente pela riqueza que este tema apresenta e a pouca discussão sobre isso na cidade de Chapecó, muitos braços dessa pesquisa ainda podem ser analisados, espero que em breve, em pesquisas de mestrado e doutorado, feitas por mim ou por outros.

Algumas questões ficaram com um hiato dentro da pesquisa, por exemplo: o uso do espaço no Shopping Pátio Chapecó e a sociabilidade do consumo. Isso se deve a alguns entraves encontrados durante o período de pesquisa, em especial a não autorização formal da administração do empreendimento para que fizéssemos observações, registros e entrevistas com os usuários desse espaço.

Ao final da pesquisa, pude, como conclusão do curso, entender o quão importante é a geografia para o bem viver das pessoas.

REFERÊNCIAS

- AMORIM FILHO, Oswaldo; SERRA, Rodrigo Valente. “Evolução e perspectivas do papel das cidades médias no planejamento urbano e regional”. 2001.
- ANDRADE, Luciana Teixeira; JAYME, Juliana Gonzaga; ALMEIDA, Rachel de Castro. “Espaços público: novas sociabilidades, novos controles”. Cadernos Metr pole 21. pág. 131-153. 1  sem. 2009.
- ANDRADE, Thompson Almeida; SERRA, Rodrigo Valente. Crescimento economico das cidades médias brasileiras. In. T. A. (organizadores), Cidades médias brasileiras. Rio de Janeiro: IPEA - Instituto de Pesquisa Econ mica Aplicada. 2001.
- BAUDRILLARD, Jean. La sociedad del consumo: sus mitos, sus estructuras. Madrid: Siglo XXI, 2009.
- CARLOS, Ana Fani A.. A cidade. 8. ed. São Paulo-SP: Contexto, 2008. v. 1. 104p
- CATALÃO, Igor; MAGRINI, Angélica. Insurgência, espaço público e direito   cidade. **Texto para debate**. Chapecó/Ituiutaba: UFFS/UFU, 2016. (submetido para publica o)
- CATEL N, Márcio José. “Heterarquia Urbana: Intera es espaciais interescales e cidades médias”. 2012. 227 f. Tese (Doutorado em Geografia) – UNESP, Presidente Prudente, 2012.
- CORDEIRO, Graça  ndias. Sociabilidade Urbana. *Ponto Urbe* [Online], 3 | 2008, posto online no dia 31 Julho 2008, consultado em 30 Novembro 2015. URL: <http://pontourbe.revues.org/1838>
- GOMES, Paulo César da Costa. A condi o Urbana: ensaios de geopolítica da cidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.
- GRETZLER, Cristiane. Chapecó (SC) para além de polo regional, uma cidade média no oeste catarinense. Porto Alegre, 2011. Disserta o (Mestrado – Programa de Pós-gradua o em Geografia), Instituto de Geociências, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- FLICK, Uwe. Qualidade na pesquisa qualitativa. Tradu o: Roberto Cataldo Costa. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FREITAS, Cesar Augustus Labre Lemos de; SANTOS, Frednand Bezerra dos. “Cidades médias como instrumento de reorientação urbana no Brasil: aspectos preliminares”. In. VI JORNADA INTERNACIONAL DE POLÍTICAS PÚBLICAS, 2013, São Luiz. UFMA, 2013.

INDOVINA, Francesco. Espaço público: Tópicos sobre sua mudança. Cidades – comunidades e territórios, n. 05, p. 119-123, dez/2002.

KUSTER, Eliana; PECHMAN, Robert. O chamado da cidade: ensaios sobre a urbanidade. Editora UFMG. Belo Horizonte, 2014.

LEFEBRVE, Henri. O direito à cidade. 5. ed. São Paulo: Centauro, 2001.

MOTTER, Crislaine; BATELLA, Wagner. “Novas centralidades em Chapecó: Apontamentos sobre as transformações recentes o espaço urbano” **Caminhos da Geografia**, Uberlândia, v. 14, n. 46, p. 60–70, Jun/2013.

MAIA, Rousiley C. M. “Sociabilidade: apenas um conceito?” **GERAES – Revista de comunicação social**, Belo Horizonte, v.1, n. 53, p. 4 – 15, 2001.

SANTOS, Milton. **O espaço do cidadão**. 7. ed. São Paulo: EDUSP, 2001.

SANTOS, Milton. A Urbanização Brasileira. São Paulo: Hucitec, 1993.

SENNET, Richard. **O declínio do homem público**: as tiranias da intimidade. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

SIMMEL, Georg. Sociabilidade – um exemplo de sociologia pura ou formal. In. MORAES FILHO, Evaristo de (Org.). **Simmel: Seleção, tradução, introdução e bibliografia**. São Paulo: Ática, 1983. P. 165-181.

SOARES, Luis André Gazir Martins. **Entre a casa e a rua**: Cultura, espaço e consumo nos shopping centers. 2000. 120 p. Dissertação (mestrado). Uniersidade Federal do Rio de Janeiro – COPPEAD, Rio de Janeiro, 2000.

TURRA NETO, Nécio. **Múltiplas trajetórias juvenis em Guarapuava: territórios e redes de sociabilidade**. 2008. Tese (Doutorado em Geografia) – Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente.

VOYCE, Malcolm. “Shopping malls in Australia The end of public space and the rise of ‘consumerist citizenship’?”. **Journal of Sociology The Australian Sociological Association**, Austrália, v. 42, n. 3, p. 269-286, 2006.

APÊNDICE

Roteiro da entrevista realizada com os frequentadores do estacionamento da Havan

1. Com qual gênero você se identifica?
2. Qual sua idade?
3. Tem parceiro? Frequentam juntos o espaço?
4. Onde mora?
5. Escolaridade?
6. Com que frequência vem até o estacionamento da Havan?
7. Quais as principais atividades feitas por você e pelo seu grupo de amigos/familiares aqui no estacionamento?
8. Frequenta outros espaços públicos? Quais e para quais atividades?
9. Costuma frequentar o shopping? Enxerga esse espaço como espaço de convívio?
10. Porque vocês escolhem vir para cá ao invés de ir se sentar nos bancos dispostos no calçadão ou em alguma das praças da cidade?
11. Qual a reação da sociedade chapecoense quando vê vocês sentados por aqui?
12. Quais as necessidades de espaço para lazer que vocês identificam em Chapecó?
13. Qual o tratamento que vocês recebem do poder público (polícia, vigilância da prefeitura) ao estarem nesse espaço?
14. A liberdade de utilização é maior aqui do que em outras praças, como a Coronel Bertaso, por exemplo?
15. Você sabia que aqui é um espaço privado?
16. Que tipo de pessoas você percebe que frequentam esses espaços?
17. Qual a importância da sociabilidade?
18. O que é direito a cidade?

ANEXOS

A LEI Nº 6555, DE 07 DE MARÇO DE 2014, diz que:

“Art. 1º Fica proibido o consumo de bebidas alcoólicas de qualquer graduação em Logradouros Públicos do Município de Chapecó, Estado de Santa Catarina.

Art. 2º Para os efeitos desta Lei, são considerados Logradouros Públicos:

I - as avenidas;

II - as rodovias;

III - as ruas;

IV - as alamedas, servidões, caminhos e passagens;

V - as calçadas;

VI - as praças;

VII - as ciclovias;

VIII - as pontes e viadutos;

IX - o hall de entrada dos edifícios e estabelecimentos comerciais que sejam conexos à via pública e que não sejam cercados;

X - os pátios e estacionamentos dos estabelecimentos que sejam conexos à via pública e que não sejam cercados;

XI - a área externa dos campos de futebol, ginásios de esportes e praças esportivas de propriedade pública;

XII - as repartições públicas e adjacências.

Parágrafo Único. Nos logradouros enquadrados nos incisos I, II, III, IV, V, VI, X, XI e XII, poderá haver o consumo de bebidas alcoólicas:

I - quando houver evento, e na sua circunscrição, realizado:

a) pelo Poder Público; ou

b) por particulares, desde que previamente autorizado pelo Poder Público;

II - na área interna de propriedades particulares adjacentes a logradouros públicos, independentemente de autorização;

III - entorno de bares, quiosques, lanchonetes e restaurantes, nos limites determinados pelo Poder Público em sua autorização e desde que a bebida seja proveniente do respectivo estabelecimento.

Art. 3º A autorização deverá conter:

I - identificação do órgão ou entidade autorizador;

II - identificação do autorizado;

III - objeto da autorização, com a descrição dos motivos de fato;

IV - especificação do local e limites da abrangência;

V - prazo de vigência;

VI - local, data e hora de emissão;

VII - assinatura do órgão autorizador.

Art. 4º O Poder Executivo Municipal poderá firmar Convênio com a Polícia Militar, instituição responsável pela preservação da ordem pública, conforme artigo 144, § 5º, da Constituição Federal, para a fiscalização do cumprimento da presente Lei.

Art. 5º A autoridade policial que flagrar o descumprimento da Lei, determinará ao infrator que cesse a conduta, lavrando termo, tomando as medidas penais cabíveis em caso de descumprimento. ” (Grifos da autora)